



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

HOMOFOBIA EM *A QUEDA PARA O ALTO*: DISCRIMINAÇÃO X AFIRMAÇÃO DE IDENTIDADE POR MENORES INFRATORES

Roberta Tiburcio Barbosa

Universidade Estadual da Paraíba robertatiburcio02@hotmail.com

Carolinne Taveira de Melo

Universidade Estadual da Paraíba carolinnetaveira@hotmail.com

Helton de farias Henrique

Universidade Estadual da Paraíba helton.farias@hotmail.com

RESUMO

A homofobia, e suas diversas faces, compreende as formas de preconceito e aversão à homossexuais, o chamado grupo LGBTT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais), é uma das mais fortes formas de preconceito no Brasil, causando traumas muitas vezes irreparáveis àqueles que tentam assumir sua identidade gay. É o que é relatado em *A queda para o alto*, obra narrada em primeira pessoa pelo próprio autor, Herzer. O texto deixa de ser ficcional quando além de seus poemas, ele começa a fazer o seu relato autobiográfico. A partir desse momento, o que se observa é a história de uma jovem que nasce com o nome de Sandra, mas se descobre Anderson e procura fazer com que a sociedade o respeite como ele é. Porém, os obstáculos só tendem a crescer no que se chama “sociedade heterossexual”, que tenta desconstruir a identidade de Herzer. São essas, e outras práticas discriminativas que vão levar o jovem a criar um trauma da sociedade e principalmente da FEBEM, na qual é internado aos 14 anos permanecendo até os 17 anos, em decorrência de sua conturbada relação com a família. Herzer descreve a intensidade de suas paixões e a sua luta contra a homofobia. Dessa forma, a obra é um importante elemento no âmbito dos estudos literários com relação à postura assumida pela sociedade frente à homossexualidade/travestismo, e do quanto os direitos humanos são observados, quando a questão é a sexualidade dos cidadãos, dentro de unidades de detenção para menores infratores.

Palavras-chave: Herzer; Febem; Homofobia; Identidade; Direitos humanos.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

INTRODUÇÃO

Brasil país da diversidade, das várias culturas, um símbolo da pluralidade de pessoas e costumes que permeiam o mundo. Mas ao mesmo tempo, um lugar em que a intolerância transforma as vidas de seus habitantes. É contraditório que um ícone da convivência entre as diferenças possa apresentar índices tão altos de discriminação.

A homofobia, e suas diversas faces, termo usado compreende as formas de preconceito e aversão à homossexuais, o chamado grupo LGBTT (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, transgêneros, etc), é uma das mais fortes formas de preconceito no país, causando traumas muitas vezes irreparáveis àqueles que tentam assumir sua identidade gay.

Já se sabe das dificuldades que adultos enfrentam para conseguir serem aceitos socialmente da forma como eles se sentem bem. O homossexual é vítima de pressões constantes dos ditos “protetores da tradição”, ou seja, patriarcado, que procuram unir à sociedade a um mundo heterossexual em decadência, apregoadado por uma cultura pautada por regimes religiosos, uma vez que o avanço da modernidade e as conquistas dos direitos de liberdade de expressão e igualdade garantem a autonomia do sujeito.

Mas também as crianças e jovens estão tentando se conhecer e serem admitidos em seu meio da forma que realmente se entendem. Sandra Mara Herzer, que depois se tornou Anderson Herzer, é um fiel e verdadeiro exemplo dos traumas decorrentes de uma vida de luta em defesa da identidade sexual.

Desde criança Herzer sofre com o peso de uma sociedade opressora, sendo enviado pela família à antiga FEBEM; viveu dos 14 aos 17 anos em constante estado de alerta, foi agredido



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

e torturado por pessoas que diziam estar procurando ajudá-lo. A obra *A queda para o alto*, de sua autoria, se faz importante por ser um relato verídico, tendo em vista que não são fatos fictícios, mas principalmente por trazer de forma tão clara os dilemas de se ser além de homossexual/tranvesti, um menor infrator, como o próprio Herzer conta em um de seus poemas que fazem parte da obra: “eu vou escrever um livro pra dizer que não sou culpado. Pois quem me dera que ao invés de adotivo, viciado, marginal e revoltado, eu fosse só, tão-somente um menor abandonado.”(p.163)

É primordial que se conheça a história de Herzer e se busque, por meio dela, entender os traumas causados por práticas homofóbicas/transfóbicas na vida de crianças, e o desafio de ser um menor infrator frente a um contexto que tende a marginalizar e desmoralizar os apenados. Objetivamos, por meio do presente artigo, refletir a cerca dessas questões, como forma de conscientização da sociedade através da literatura, valorizando assim, o lado social do relato auto biográfico de Herzer.

METODOLOGIA

Sandra/Anderson Herzer seria mais um menor infrator homossexual, não fosse pelo fato de ter escrito sua própria biografia, intitulada *A queda para o alto*. Herzer retrata na obra muitos momentos em que os outros escolheram por ele os rumos que ele deveria seguir, como sua primeira internação na FEBEM, curiosamente o título dado a seu relato não foi escolha dele, pois antes da publicação do livro, Herzer havia cometido suicídio.

O suicídio de Herzer, que é anunciado durante todo o seu relato, e principalmente em seus poemas, representa o estado de melancolia em que o jovem vivia:

"Minha vida, meu aplauso".
Fiz de minha vida um enorme palco sem atores, para a peça em cartaz
sem ninguém para aplaudir este meu pranto
que vai pingando e uma poça no palco se faz.
Palco triste é meu mundo desabitado



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

solitário me apresenta como astro
que chora, ri e se curva à derrota e derrotado muito mais astro me faço.
Todo mundo reparou no meu olhar triste
mas todo mundo estava cansado de ver isso
e todo mundo se esqueceu de minha estréia
pois todo mundo tinha um outro compromisso.
Mas um dia meu palco, escuro, continuou
e muita gente curiosa veio me ver
viram no palco um corpo já estendido
eram meus fãs que vieram pra me ver morrer.
Esta noite foi a noite em que virei astro
a multidão estava lá, atenta como eu queria
suspirei eterna e vitoriosamente
pois ali o personagem nascia
e eu, ator do mundo, com minha solidão... morria!(Herzer, 1985, p.12)

Mas o que leva o ser humano a tomar uma medida tão extrema quanto essa? No caso de Herzer, foram muitos os fatores, o principal deles a rejeição que sofria por parte daqueles com quem convivia, desde seus familiares até a entrada na FEBEM. O fato é que não aceitaram a personalidade do jovem, que se dizia não se sentir Sandra, pedindo para que o chamassem de Anderson Bigode Herzer, mas respondiam a ele com todos os tipos de ofensas e agressões físicas: “Machão sem saco, machão sou eu que tenho duas bolas. Ele dizia isso com gestos e voz alta para que eu sentisse vergonha de mim mesmo e mudasse os meus costumes.” (p.76)

O diretor da unidade da FEBEM, em que estava Herzer, maltratava constantemente a todas as meninas internas, e com Herzer a situação era pior, assim como as demais meninas assumidamente lésbicas, o sr. Humberto Marini Neto procurava mudar as formas do jovem se vestir e agir, e proibia qualquer forma de relação homoafetiva em seus domínios.

O direito à liberdade de expressão das garotas é desrespeitado, uma vez que elas só podem se apresentar como heterossexuais, deixando de lado qualquer indício de sua homossexualidade. “Se até os animais têm quem lute por eles, onde ficam os direitos



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

humanos, um mínimo de direito humano, em casos como o dessas menores.”(HERZER, 1985, p.90)

Ocorre assim, como afirma Borillo (2009), uma espécie de “vigilância das boas normas” sexuais, na qual se diz estar orientando as meninas para que elas não se “desviem do caminho correto”, em que cada gesto das garotas é observado e se necessário reprimido, dessa forma mesmo as garotas heterossexuais podem se tornar suspeitas se demonstrarem algum traço masculinizado:

sr. Humberto ficou sabendo de meu retorno, chamou-me em sua sala, e lá, quando olhou e reparou que meu cabelo estava curto, disse-me que eu teria que tomar cuidado para não pisar em chão errado e que meu cabelo teria que crescer rápido antes que ele se enfezasse.

Pelo seu modo de falar entendi perfeitamente a que ele se referia, mas entendi também que ninguém iria me modificar, pois afinal se todos podem optar pelo que acham certo por que somente eu não poderia viver do modo que eu me sentisse melhor?

Fiquei de castigo na cozinha, lavando bandejas e panelas durante o prazo de um mês. (Herzer, 1985, p.66)

A aversão que o diretor da unidade têm aos homossexuais/travestis, se afirma em suas práticas homofóbicas/transfóbicas, chegando a agredir fisicamente as garotas, para que elas parassem com essas “anomalias”. Conduta essa que, segundo Borillo (2009), se relaciona ao elevado índice de violência exercida contra o grupo LGBTT e o modo diferente de se analisar essa reação contrária aos homossexuais fizeram com que o foco dos estudos direcionados à homossexualidade deixasse de ser o comportamento homossexual, para se observar o modo pelo qual a homossexualidade foi categorizada, ao longo dos anos, como sexualidade desviante.

A intolerância é tamanha que ao encontrar Herzer em demonstrações de afeto com Aninha, o diretor às coloca de castigo:



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Mais difícil ainda quando alguém nos vigiava, e quando o dia era lento, sabendo-se que à noite iríamos para o paredão novamente deixando que os funcionários noturnos descarregassem seus complexos machistas em tapas e socos.

Findou-se o castigo, e começamos a mísera rotina da casa.

Meses após, a fama do sr. Humberto crescia: as reclamações eram freqüentes, os espancamentos diários. Não se dormia na unidade um dia sequer sem que alguém fosse espancado por um ou outro motivo. Ele estava tentando fazer com que seu nome governasse e se expandisse por todas as unidades da febem, mas infelizmente nós da ut 4 estávamos pagando por seu alto posto.

Mas se nós não estivéssemos lá, obrigados a atender suas ordens, sempre sem uma minúscula partícula de solidariedade humana, haveriam outros menores que teriam que suportá-lo sempre com um sorriso na face molhada por lágrimas. (Herzer, 1985, p.116-117)

Nota-se que o ambiente em que essas garotas viviam era opressor, não obstante fosse um centro de detenção para menores infratores, no entanto, não havia sequer o direito de expressar-se como eram de fato, fazendo com que elas se perguntassem por que não podiam ser aceitas da forma como realmente eram: “Para mim eu era um rapaz em fase adolescente, e para alguns um caso que deveria ser tratado clinicamente. Mas para o sr. Humberto não havia outra palavra; simplesmente um machão da Vila Maria.” (HERZER, 1985, p.114)

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A estrutura inicial do relato possui duas “etapas” ou “modos”: 1) Do início até o capítulo VI, enfatiza-se a sequência de fatos que deram origem a internação de Herzer na FEBEM. Neste momento, Herzer fala das dificuldades vividas no âmbito familiar e no seu contato com as drogas:

Nasci em uma cidade do interior, Rolândia, PR, no dia 10 de junho de 1962, sob o signo de Gêmeos.

Minha mãe, Lurdes da Silva Peruzzo, meu pai, Pedro Peruzzo, que me lançaram ao mundo com o nome de Sandra Mara Peruzzo.

Não me recordo de ter algum dia conversado com nenhum deles. (Herzer, 1985, p.23)

A bebida já era meu alimento diário. Sem álcool eu não era nada, brigava muito em casa, mas bastavam algumas doses e me transformava, jogava palitos, baralho, participava de rachas de carros e motos em São Bernardo do Campo. Porém, se não bebesse nada, só tinha vontade de fugir, de brigar, de ver sangue alheio ou meu mesmo.

[...]



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

a Comunidade Terapêutica Enfance não me guardou desse obstáculo. Lá se cuidavam de adolescentes (homens e mulheres) e também de crianças. Entrei no grupo das adolescentes e um dia falaram-me de um comprimido chamado Optalidon. (HERZER, 1985, p.33)

Herzer não teve um contato próximo com seus pais, passando assim por vários lares, e sempre encontrando obstáculos referentes a sua personalidade: “O tempo foi passando, e eu me tornando uma criança adulta, que lutava contra tudo e contra todos que viessem a me aborrecer com opiniões sobre fatos contra os quais eu me colocava: a agressividade parecia ter se infiltrado no meu sangue.” (p.30). Assim, depois de começar a beber acabou conhecendo drogas mais pesadas como o optalidon, sendo internado em casas terapêuticas antes de ser enviado à FEBEM.

Todos esses acontecimentos na vida de Herzer vão fazendo com que ele tenha que amadurecer mais rápido e enfrentar os adultos de igual para igual, o que era claramente impossível, pois querendo ou não ele ainda era uma criança. Esses fatos contribuem para o modo como o jovem enxerga a vida:

A perversão, em vez de encontrar-se isolada na vida da criança, passa a estar inserida nos mais típicos processos de desenvolvimento familiar normal. Referida a um amor objetual incestuoso que, surgindo sob o primado do complexo de Édipo, permanece em seguida como uma seqüela dele, herdeira de sua carga libidinal e ligada à consciência de culpa. (PEIXOTO JUNIOR, 1999, p.92)

Ao referir-se a fantasia da criança espancada, Peixoto Junior demonstra que a vida de violência sofrida por Herzer foi interpretada por ele como algo “natural”(cotidiano), como se a forma violenta, como agiam com ele, fosse uma consequência do que este passou em determinada época da sua vida, no caso, na infância. Sendo assim, difícil para ele procurar uma saída de um mundo que se apresentava sempre da mesma forma: bruta.

2) A partir do capítulo VII, o narrador passa ao relato dos fatos com uma postura mais íntima. É o período em que Herzer é internado na FEBEM e passa a sofrer com as discriminações de pessoas que fazem parte do núcleo de coordenação da unidade,



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

principalmente do diretor Humberto Neto. Nesse momento, observa-se a efetivação dos elementos que levaram ao processo de traumatização de Herzer, com relação à humanidade:

eu só conhecia as opiniões dos "homens", pobres homens, que me criticaram e ainda criticam hoje dizendo que eles sim eram homens, pelo órgão que tinham no meio de suas coxas, e o fato de eu ter muitas namoradas não me fazia um homem, e agora depois de tanto tempo pensando na miserável mente destes homens. Nada tenho a dizer sobre estas mentes cobertas, sobre esta ignorância tão forte que os transforma de homem para macho, minúsculos machos que pensam trazer seu caráter em forma de duas bolas no meio de suas pernas. (HERZER, 1985,p.138)

Se observa nesta fase a questão do corpo como determinante do gênero de uma pessoa, assim aqueles que tinham o sexo masculino é que eram “homens” (do gênero masculino), enquanto as do sexo feminino é que cabia a obrigação de serem do mesmo gênero. O discurso dominante era heterossexual: “se você nasceu isso não pode ser aquilo”. A política contra identidade de gênero era, e é, excludente.

Herzer, e outras meninas da unidade, tentam quebrar esses preconceito procurando assumir cada vez mais sua verdadeira identidade de gênero, sendo sempre contrariado por quetinamentos machistas/homofóbicos/transfóbicos que dizem que “homem é aquele que tem duas bolas”, ou seja, o órgão genital masculino. Nesse contexto, a identidade gay de Herzer enfrenta muitos obstáculos para se firmar, assim como muitas pessoas homossexuais, essa batalha está expressa em *A queda para o alto*:

Uma história da literatura gay brasileira contribuirá para a promoção do espaço literário das representações da minoria gay que está em adiantado estágio de construção teórico-reflexiva de sua identidade, e necessita ter uma representação gay na literatura, não como postura política e reivindicativa, mas como manifestação artística do desejo gay: os símbolos, os medos, as formas de amar, de se relacionar, de se entender, de entrar em crise, perturbar a ordem vigente e ser perturbado, de ser submisso a várias práticas discursivas de caráter homofóbico, dentre outras (SILVA, 2008, p.45-46)

Ocorre algo semelhante, ao que Antônio de Pádua Dias da Silva afirma acima, em *A queda para o alto* tendo em vista que Herzer descreve a intensidade de suas paixões, a sua luta contra a homofobia/transfobia e os momentos em que não vê outra saída: se rende ao preconceito e apanha como se nem estivesse lá, pedindo apenas para que passasse logo.



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Culminando essas sucessões de fatos no suicídio de Herzer, no dia 10 de agosto de 1982, antes do lançamento do livro, que foi intitulado “A queda para o alto”, porque mesmo Herzer tendo pulado de uma ponte, ele subiu para a história do Brasil, da literatura e do grupo LGBT. O suicídio de Herzer desficcionaliza sua memória, afirmando-se assim, que para a identidade de Herzer não existe lugar à parte da opressão que ele sofreu na FEBEM e na sociedade de sua época.

A única realidade que Herzer realmente conheceu foi a homofóbica/transfóbica, pois mesmo quando encontrou amigos dispostos a ajudá-lo, como Eduardo Suplicy, Herzer não foi capaz de conviver com o seu passado traumático.

CONCLUSÃO

O relato autobiográfico de Herzer constitui um importante elemento de representação da identidade gay/identidade de gênero e sexualidade e da vida de menores infratores em unidades de detenção. Embora traga acontecimentos ocorridos nos anos 1970 e 1980 ainda se faz marcante as situações vividas por uma jovem homossexual no Brasil. Uma vez que, infelizmente, o país ainda apresenta um elevado índice de violência aos homossexuais.

Por conter a verdadeira estória de discriminação sofrida por Herzer, a obra se faz significativa tanto no estudo da literatura brasileira como um todo, quanto nos estudos ditos gays/queers/de gênero e sexualidade. Se conseguiram calar Herzer, no ato de seu suicídio, jamais calarão a repercussão de sua história de vida.

O fato de Herzer ter sido internado na FEBEM, contribuiu para que seus problemas se agravassem, pois teve que enfrentar dois preconceitos, quanto a sua sexualidade e a sua condição de interno na FEBEM. Mas Herzer persistiu até o fim se afirmando sujeito de sua história.

Sua morte, com uma provável suspeita de suicídio, ainda não foi totalmente esclarecida, por não haver testemunhas de que ele tenha realmente se matado, mas o que se sabe é que ele



XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

lutou pelo seu direito de ser quem queria. Tanto, que ele pediu para que não o chamassem mais de Sandra, e sim Anderson ou, carinhosamente, bigode.

REFERÊNCIAS

BORILLO, D. Homofobia. In. LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Debora (org.). **Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio**. Brasília: Letras livres; EdUNB, 2009.p.15-46.

HERZER. **A queda para o alto**.13.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

PEIXOTO JUNIOR, Carlos Augusto. **Metamorfose entre o sexual e o social: uma leitura da teoria psicanalítica sobre a perversão**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

SILVA, Antonio de Pádua Dias da. **Especulações sobre uma história da literatura brasileira de temática gay**. In: _____(org.). **Aspectos da literatura gay**. João Pessoa: Ed. Universitária da UFPB, 2008.p.25-50.